

WILLIAM J. BERNSTEIN

Teórico financeiro, neurologista e
autor de *Uma Troca Esplêndida*

OS
DELÍRIOS DAS
MULTIDÕES

Por que as pessoas
ENLOUQUECEM
em **GRUPOS**



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2023

SUMÁRIO

Prefácio	xi
1. Herdeiros de Joaquim	1
2. Fiéis e Charlatães	29
3. Riqueza Instantânea	55
4. George Hudson, Herói Capitalista	81
5. A Fuga de Miller	103
6. A Fantástica Aventura de Winston Churchill na Política Monetária	131
7. Sunshine Charlie Entendeu Errado	151
8. Vaca Apocalíptica	171
9. A Espada de Deus	191
10. Os Empreendedores do Apocalipse	215
11. Catástrofes Dispensacionistas: Possíveis e Reais	245
12. Ficção do Arrebatamento	265
13. Filantropos do Capitalismo	277
14. Nômades da Era Digital	297
15. Mádis e Califas	321
Epílogo	355
Bibliografia	361
Notas	381
Índice	419

1

HERDEIROS DE JOAQUIM

*O tigre vai caçar,
O pássaro, voar,
O homem vai dizer: “por quê, por quê, por quê?”
O tigre vai roncar,
O pássaro descansar,
“Entendo tudo”, é o que o homem vai falar.*

— Kurt Vonnegut¹

No fim do século XII, os reis e rainhas da Europa empreenderam a árdua jornada até um mosteiro nas remotas colinas da Calábria para desfrutarem da sabedoria lendária de um abade cisterciense quase esquecido chamado Joaquim de Fiore. Ao partir para sua Terceira Cruzada em 1190-1191, Ricardo Coração de Leão buscou sua visão do futuro.²

Silencioso e intelectual, o abade gostava de números e analogias históricas, e o que atraía os governantes da Europa a seu mosteiro era sua organização da história humana em três idades que prediziam uma era de ouro que se aproximava. Joaquim, infelizmente, acendeu involuntariamente um pavio profético. Sua visão do futuro falava eloquentemente aos pobres oprimidos e agitou a revolução em seus corações. Ao longo dos séculos seguintes, seu projeto inicialmente pacífico se transformaria em uma teologia do fim dos tempos sangrenta que encampou grandes áreas da Europa.

A compreensão de como isso aconteceu evoca as três principais narrativas dos fins dos tempos da Bíblia: os livros do Velho Testamento de Ezequiel e Daniel e o último livro do Novo Testamento, Apocalipse. Embora esses três livros possam parecer obscuros para os leitores leigos modernos, eles ajudam a explicar a polarização cultural entre os cristãos evangélicos e o resto da sociedade norte-americana, que se tornou tão evidente nos últimos ciclos eleitorais. Para os cristãos evangélicos, o conteúdo desses três livros é tão familiar

quanto as histórias da Revolução Americana e da Guerra Civil; para o resto da sociedade, são em grande parte terra desconhecida. Além disso, mesmo os evangélicos muitas vezes desconhecem a história do Antigo Oriente Próximo por trás dessas narrativas, particularmente a complexa interação entre os egípcios, filisteus, assírios, babilônios, persas e os dois reinos judeus, Israel e Judá.

Ezequiel, Daniel e Apocalipse fornecem o pano de fundo para uma série de histerias coletivas religiosas do fim dos tempos que foram, em muitos aspectos, semelhantes à tragédia em Cheiry. Esses delírios têm sido uma característica quase constante das religiões abraâmicas desde seu nascimento, envolvendo mais proeminentemente a cidade de Münster no século XVI, o fenômeno millerita nos Estados Unidos de meados do século XIX e as repetitivas e generalizadas previsões da iminência do fim dos tempos que se seguiram ao estabelecimento do moderno estado de Israel.

Histerias religiosas tendem a se manifestar nos piores momentos, durante os quais a humanidade deseja se livrar de seus problemas e retornar aos bons e velhos tempos, uma era mítica de paz, harmonia e prosperidade que já passou. Um dos primeiros poemas gregos sobreviventes, “Trabalhos e os Dias” de Hesíodo, de cerca de 700 a. C., ilustra bem isso. A Grécia naquela época era desesperadamente pobre, e o autor tinha uma vida difícil em uma fazenda na Beócia, a noroeste de Atenas, que ele descreveu como “ruim no inverno, abafada no verão e boa em momento algum”.³ As coisas, imaginou Hesíodo, devem ter sido melhores anos atrás. Primeiro, vieram os deuses no Olimpo, que fizeram uma “raça dourada de homens mortais” que

viviam como deuses sem tristeza no coração, remotos e livres de trabalho pesado e dor: a idade miserável não repousava sobre eles; mas, com pernas e braços nunca falhando, eles se divertiam com banquetes, fora do alcance de todos os males. Quando morriam, era como se estivessem dominados pelo sono e tivessem todas as coisas boas; pois a terra frutífera deu-lhes frutos abundantemente e sem restrição voluntariamente. Eles habitavam com tranquilidade e paz em suas terras com muitas coisas boas, eram ricos em rebanhos e amados pelos deuses abençoados.⁴

A próxima geração era “feita de prata e muito menos nobre”. Eles ainda eram abençoados, mas pecaram e falharam em oferecer sacrifícios aos deuses, e foram seguidos por uma terceira geração de homens cujas armaduras, casas e ferramentas eram de bronze. Os deuses, por algum motivo, deram à quarta geração uma situação melhor do que a terceira; metade morreu em batalha,

mas a outra metade viveu como semideuses. A quinta geração, de Hesíodo, era “uma raça de ferro e os homens nunca descansavam do trabalho e da tristeza durante o dia, e dos perigos à noite; e os deuses lhes causarão grande tribulação”. Seus filhos, previu Hesíodo, ficariam ainda mais aquém — venais, malcriados e, o pior de tudo, pouco inclinados a apoiar os pais na velhice.⁵ Hesíodo havia roubado uma marcha de mais de dois milênios do *Leviatã* de Thomas Hobbes: a vida era realmente solitária, pobre, desagradável, brutal e curta.

A miséria da época de Hesíodo, por mais desoladora que fosse, era pelo menos intrínseca à terra e à cultura locais — a pobreza do solo, a corruptibilidade do homem e a agressão das cidades-estado vizinhas. Afinal, os vizinhos hostis de uma cidade grega compartilhavam a mesma religião e cultura e, embora muitas vezes escravizassem seus vizinhos derrotados, antes da Guerra do Peloponeso eles geralmente não os matavam.

Mais ou menos na mesma época de Hesíodo, a centenas de quilômetros de distância, os problemas dos hebreus eram de um tipo mais existencial, e deram origem, eventualmente, às narrativas do fim dos tempos atuais mais comuns, que prometiam uma existência humana mais feliz no outro mundo, pelo menos para aqueles que mantivessem a fé e sobrevivessem à transição.

Como os judeus resolveram assentar-se na Terra Santa permanece um mistério, visto que os historiadores questionam a existência de Moisés e o Êxodo do Egito. O que está fora de discussão é que os israelitas tiveram mais facilidade em subjugar os cananeus, os habitantes originais da Palestina, culturalmente mais avançados, mas menos agressivos, do que tiveram com os ferozes “Povos do Mar” que os seguiram. Esses últimos, uma raça misteriosa, atormentou o Egito e possivelmente extinguiu várias civilizações mediterrâneas ocidentais, incluindo a micênica. Não muito depois do suposto Êxodo, um ramo local dos Povos do Mar, os filisteus, estabeleceu uma base na área entre a moderna Faixa de Gaza e Tel Aviv e começou a avançar para o interior.

A ameaça dos filisteus serviu para unir as pequenas e diversas tribos israelitas. Eles finalmente escolheram Saul, um antigo mercenário dos filisteus, como seu líder. Ele derrotou seus antigos empregadores e assim trouxe o início da unidade entre os hebreus. Após sua morte, não muito depois de 1.000 a.C., um de seus tenentes, Davi, que também havia servido aos filisteus, o sucedeu. Um líder militarmente talentoso e carismático, colocou sob seu domínio não apenas os estados do norte e do sul, Israel e Judá, respectivamente, mas também conquistou a título de posse pessoal uma cidade extremamente fortificada, Jerusalém, mantida pelos cananeus.

Sob Davi, o domínio judaico atingiu sua extensão geográfica máxima, chegando ao norte até Damasco. O que hoje é chamado de “Reino Davídico” não era um estado unificado, mas consistia em três componentes separados: Judá e Israel, cujos reinos individuais Davi ocupou separadamente, e Jerusalém, sua propriedade pessoal.



Seu filho, Salomão, manteve essa confederação unida. Construtor ambicioso, ergueu uma série de palácios, fortes e locais de culto, em especial o Primeiro Templo de Jerusalém. Ele também praticou com entusiasmo a diplomacia matrimonial: desposou a filha de um faraó e manteve, pelo menos segundo o livro de I Reis, 700 outras esposas e 300 concubinas. Um de seus fortes, em Megido, mais tarde se tornaria mais conhecido por seu nome grego: Armagedom.

O complexo de edifícios de Salomão, e particularmente os enormes corpos de trabalho necessários para seus planos de construção, geraram ressentimento e, quando ele morreu em 931 a. C., seu filho, Roboão, recusou-se a viajar ao norte, para a capital de Israel, Siquém, para sua coroação, e assim Israel deixou a confederação.⁶

A divisão norte-sul foi fatal para a independência judaica quando os assírios se tornaram a máquina militar proeminente na região. Por volta do século IX a.C., o estado do norte, Israel, estava pagando tributos a eles e, quando Tiglate-Pileser III recebeu a coroa assíria em 745 a. C., ele lançou suas legiões conquistadoras para o oeste e dividiu Israel. Seus sucessores, Salmaneser V e Sargão II completaram a conquista por volta de 721 a. C. e, conforme registrado nos Anais de Sargão: “27.290 homens que habitavam lá eu levei, 50 carros para meu exército real entre os que selecionei... essa cidade eu restaurei e mais do que antes tornei-a grande; homens das terras, conquistadas por minhas mãos, nelas fiz habitar.”⁷

Sargão deportou as elites do norte para as margens dos rios Tigre e Eufrates; eles desapareceram nas brumas da história como as dez “tribos perdidas”, provavelmente assimiladas pela população mesopotâmica local. Os assírios, então, voltaram suas atenções para o estado do sul, Judá, montaram um ataque frustrado em 701 a.C., e inexplicavelmente o deixaram em paz por um século, possivelmente como um espaço situado entre eles e os egípcios. Esse hiato salvou Judá e o povo judeu do esquecimento sofrido por seu ramo do norte.

Quando os assírios caíram pelas mãos dos babilônios por volta de 605 a.C., os judeus enfrentaram uma força conquistadora ainda mais terrível na pessoa do rei da Assíria, Nabucodonosor, que em 597 a. C. conquistou Jerusalém e, de acordo com o livro 2 de Reis,

[...] então Joaquim, rei de Judá, sua mãe, os conselheiros, os comandantes e os oficiais se renderam aos babilônios. No oitavo ano de seu reinado, Nabucodonosor levou Joaquim como prisioneiro.

Conforme o Senhor havia declarado de antemão, Nabucodonosor levou embora todos os tesouros do templo do Senhor e do palácio real. Removeu todos os utensílios de ouro que Salomão, rei de Israel, havia colocado no templo.

O rei Nabucodonosor deportou gente de toda a cidade de Jerusalém, incluindo todos os comandantes e os melhores soldados, artífices e ferreiros, 10 mil pessoas ao todo. Só ficaram na terra os mais pobres.⁸

O pior ainda estava por vir. Por volta de 587 a. C., Zedequias, o fantoche instalado pelos babilônios, se rebelou. Em resposta, os babilônios romperam o muro de Jerusalém e o atravessaram. O rei fugiu, mas foi preso perto de Jericó, onde os babilônios “mataram seus filhos diante dele, depois lhe arrancaram os olhos, o prenderam com correntes de bronze e o levaram para a Babilônia”.⁹

Os judeus devem ter sabido, dada a experiência de seus vizinhos desaparecidos do norte, que Nabucodonosor ameaçava sua cultura e sua própria existência com a extinção, e então buscaram uma solução drástica que seu quase contemporâneo grego, Hesíodo, cuja cultura não estava ameaçada existencialmente, não procurou: um cataclismo milagroso que os libertaria do esquecimento.

Entre os exilados levados para as margens do Eufrates junto com Joaquim em 597 a. C. estava um sacerdote educado no Templo chamado Ezequiel. Seu livro, escrito por ele ou por outros em seu nome, inicia cinco anos depois, por volta de 592 a. C., com a visão dos céus se abrindo para revelar uma carruagem carregando o Senhor puxada por quatro criaturas aladas fantasmagóricas, cada uma com quatro faces: humana, de leão, de boi e de águia.

Quem quer que tenha escrito esse primeiro grande livro apocalíptico da Bíblia, o fez ao longo das décadas durante as quais as condições na Terra Santa se deterioravam. Conforme descrito em 2 Reis, os babilônios exilaram a realeza, os sacerdotes e os ricos de Judá, mas abandonaram uma grande classe baixa. Inicialmente, as elites enviadas para a Babilônia estavam otimistas sobre suas perspectivas de um retorno rápido, mas a destruição de Jerusalém e do Primeiro Templo em 587 a. C. desviou sua narrativa em construção para uma direção apocalíptica.

O autor de Ezequiel desviou sua história das impiedades de Judá que causaram sua conquista, na direção ao retorno do Senhor e ao restabelecimento da nação judaica. Ele teceu uma narrativa que se tornaria cada vez mais ressonante ao longo dos milênios: a corrupção do homem, a ira de Deus, Seu retorno, e mais tarde o de Seu filho, para restabelecer Seu reino e condenar os infiéis à danação eterna.

O livro de Ezequiel passa por três partes: primeiro, a nomeação de Ezequiel como profeta (alguém que transmite mensagens de Deus); segundo, a restauração do reino davídico e a destruição não apenas de seus verdadeiros inimigos, mas também de um inimigo mítico, o temível Gog, governante da terra de Magog; e terceiro, os esplendores do novo Templo e de uma ressurgente e grandemente ampliada nação judaica. (Livros posteriores da Bíblia confundem a questão de quem e o que eram Gogue e Magogue, uma vez que ambos podem ser interpretados como indivíduos ou lugares.)

Ezequiel também descreve como, após o restabelecimento do antigo reino davídico, os israelitas sofrerão uma invasão por esse mítico saqueador, que então derrotam. Trata-se da primeira menção bíblica substantiva de um personagem que acabaria por evoluir para o Anticristo do Novo Testamento, um dos personagens principais do apocaliticismo protestante moderno.¹⁰ Esse processo de três atos de verificação profética com visões maravilhosas e assustadoras, a derrota das forças do mal e as glórias do novo mundo se tornaram a base de muitas narrativas subsequentes do fim dos tempos.

O segundo maior livro apocalíptico do Velho Testamento, Daniel, supostamente se desenrola contemporaneamente a Ezequiel. Ele começa com a conquista de Jerusalém, o exílio da Babilônia e o apoio de quatro habilidosos hebreus a Nabucodonosor — Sadraque, Mesaque, Abednego e Daniel — a quem “sempre que o rei os consultava sobre alguma questão que exigia sabedoria e discernimento, observava que eles eram dez vezes mais capazes que todos os magos e encantadores de seu reino”.¹¹

Nabucodonosor, ao que parece, teve um sonho do qual mal se lembrava. Ele sabia apenas que era um grande presságio, mas, fora isso, faltavam detalhes. Quando os adivinhos de sua corte disseram que seus repertórios não incluíam a recuperação dos sonhos, ele ordenou não apenas o assassinato deles, como também o de todos os sábios do reino, os quatro hebreus inclusive.

Felizmente para Daniel, o Senhor revelou a ele o conteúdo do sonho real: uma aparição assustadora com uma cabeça de ouro, peito e braços de prata, barriga e quadris de bronze, pernas de ferro e pés de uma mistura de ferro e barro (daí a expressão moderna “pés de barro”). Uma pedra estilhaça os pés da besta; a pedra, então, fica cada vez maior, primeiro como uma montanha, e depois cobre toda a terra.¹² O motivo de ouro/prata/bronze/ferro da besta de Daniel coincide com as idades de Hesíodo; isso provavelmente não foi uma coincidência, uma vez que os textos persas do mesmo período também descrevem quatro idades históricas nomeadas de acordo com esses quatro metais.¹³

O Senhor também interpretou o sonho para Daniel, que o transmitiu a Nabucodonosor; a cabeça da besta é o próprio rei, as partes de prata e bronze reinos futuros menores, e os pés de ferro e barro um grande império amalgamado que se romperia facilmente devido à incompatibilidade de seus dois elementos. Finalmente, o Senhor assume o comando: “Enquanto esses reis estiverem no poder, o Deus dos céus estabelecerá um reino que jamais será destruído ou conquistado. Reduzirá os outros reinos a nada e permanecerá para sempre.”¹⁴

Daniel não foi escrito durante o exílio na Babilônia, como implicitamente afirmava, mas sim no segundo século a. C. Nos mais de três séculos entre a época de Nabucodonosor e a composição real do livro, muita coisa aconteceu: O rei Ciro conquistou os babilônios e permitiu o retorno dos judeus à Palestina, que construíram o Segundo Templo, apenas para serem reconquistados por Alexandre em 332 a. C. Para qualquer judeu letrado durante o domínio grego, a profecia da narrativa parecia clara: os pés de ferro e barro da besta de Nabucodonosor representavam a fraqueza dos impérios grego ptolomaico e selêucida — os estados sucessores das conquistas de Alexandre, o Grande — e sua consequente destruição. Os autores e editores de Daniel provavelmente fizeram com que parecesse ter sido escrito três séculos antes do que realmente fora, para aumentar sua credibilidade profética.

Os gregos apresentaram aos judeus mais uma ameaça existencial. Em 167 a. C., Antíoco IV Epifânio, governante do império grego selêucida no Levante, nomeou o sumo sacerdote judeu Menelau, que defendia uma reforma radical das práticas religiosas e cujos planos incluíam a abolição dos sacrifícios e da lei Mosaica. Ele converteu o Segundo Templo em um espaço laico e profanou-o com uma estátua de Zeus.

O conflito entre sacerdotes reformistas, judeus tradicionais e Antíoco saiu de controle; entre 167 e 164 a. C. as forças de Antíoco saquearam o Templo, destruíram os pergaminhos sagrados e puniram com a morte qualquer prática ao sábado judeu (dia de descanso), circuncisão e oferenda de sacrifícios. Ele também pilhou Jerusalém; assassinou, escravizou e deportou milhares de habitantes; arrasou as muralhas da cidade e a guarneceu com tropas gregas.

E isso não foi tudo: Os judeus eram obrigados a adorar ídolos no local do Templo e oferecer porcos em sacrifício. A explosão final, a rebelião de 164 a.C. liderada pelos irmãos tradicionalistas Macabeus, resultou primeiro na eliminação dessas abominações e, finalmente, em um estado judeu independente que duraria até a conquista romana em 63 a. C.

A primeira metade de Daniel termina com seu herói enviado à cova dos leões para adorar ao Senhor e sua sobrevivência milagrosa sob Sua proteção. Na segunda metade, Daniel é o sonhador de uma aparição que professa não entender, mas na verdade é simplesmente uma variação do sonho de Nabucodonosor. Quatro bestas fantasmagóricas, cada uma mais assombrosa do que a outra, emergem do mar: um leão com asas arrancadas; um urso com costelas entre os dentes; um leopardo com quatro cabeças e quatro asas; e um último que desafiava a taxonomia, “terrível e horrível”, com dentes de ferro e chifres que aumentavam em número enquanto ele observava, um dos quais tinha olhos e uma boca que falava “com grande arrogância”. O Senhor aparece,

chamas irrompem de seu trono, e Ele vence essa quarta besta, que, assim como no sonho de Nabucodonosor, representa o Império Selêucida. Durante os sucessivos reinados de Ciro e seus sucessores, Dario e Belsazar, Daniel tem mais sonhos, nos quais a conquista da Pérsia por Alexandre e a dissolução de seu império são narradas de forma alegórica. O capítulo final do livro descreve um julgamento divino em que os mortos serão ressuscitados, alguns para desfrutar da “vida eterna”, enquanto outros serão condenados “à vergonha e à desonra eterna” sob o governo permanente do Senhor.¹⁵

O terceiro grande livro apocalíptico da Bíblia, Apocalipse, foi escrito por volta de 95 d.C. por um homem identificado no texto como “João”, o humilde destinatário do conteúdo de Deus. O autor provavelmente não foi João Apóstolo, que teria cerca de 90 anos na época, mas sim um profeta mais comum que viveu, provavelmente, como prisioneiro na ilha de Patmos, na Ásia Menor. Sua obra acabaria sendo codificada pela maioria das seitas cristãs como o último livro da Bíblia.

Se forem honestos, a maioria dos leitores modernos, mesmo aqueles com profundas origens religiosas, consideram o Apocalipse um texto difícil de absorver, denso e quase ininterpretável. De acordo com um dos principais historiadores do livro, R.H. Charles:

Desde os primeiros tempos da Igreja, foi universalmente admitido que o Apocalipse é o livro mais difícil de toda a Bíblia... e não é apenas o leitor superficial que fica perplexo, mas também o estudante sério, como a história da interpretação do Apocalipse claramente mostra.¹⁶

O Apocalipse é lido como uma confusão desorganizada de imagens ainda mais fantasmagóricas do que os sonhos de Daniel, aos quais tem mais do que uma semelhança passageira, e provavelmente não por acaso.

Por causa disso, uma compreensão significativa do livro requer conhecimento histórico especializado, não apenas do período do Império Romano do Oriente (também conhecido por Império Bizantino), mas também do macedônio. A análise literária detalhada do livro de Charles sugeriu que João de Patmos provavelmente morreu pouco antes de concluí-lo, e que sua dificuldade possivelmente resulta da edição incompetente de seu rascunho original inacabado; mesmo entre os acadêmicos eruditos, reina uma quase total falta

de acordo sobre sua estrutura narrativa, uma dificuldade que tem, ao longo dos últimos séculos, produzido mal-entendidos e caos sem fim.¹⁷

O Apocalipse consiste em 22 capítulos; os 3 primeiros incluem cartas introdutórias de João a 7 igrejas na parte oriental do Império Romano. Os 2 capítulos seguintes descrevem o trono do Senhor rodeado por 24 anciãos e 4 bestas adoradoras, e a aparição de um pergaminho fechado com 7 selos que só podem ser abertos por um descendente de Davi, rei dos judeus. Um cordeiro morto com 7 chifres e 7 olhos, considerado pelos estudiosos da Bíblia uma representação de Jesus, completa essa conta e, um por um, desfaz os selos.

Os capítulos seis a oito descrevem o que acontece a seguir: os primeiros quatro selos apresentam cavalos de cor branca, vermelha, preta e amarela, significando, respectivamente, guerra, conflito internacional, fome e peste. O quinto produz almas martirizadas sob um altar, significando perseguição, e o sexto um terremoto. Segue-se, então, um interlúdio em que 144.000 judeus são “selados” (marcados em suas testas com o nome do Senhor; 12 mil de cada uma das 12 tribos). O sétimo e último selo é introduzido por oito anjos; os primeiros sete carregam trombetas e um oitavo arrasa o mundo.

Os três capítulos subsequentes produzem um quadro igualmente desconcertante: o soar das sete trombetas pelos anjos, cuja devastação essencialmente recapitula os sete selos, com um intervalo entre o sexto e o sétimo, no qual João é ordenado por um anjo a comer um pequeno livro que, então, o instrui a projetar a nova Jerusalém e o Templo.

A segunda metade do livro apresenta um grande dragão vermelho com sete cabeças, sete coroas e dez chifres, identificado como Satanás, que tenta sem sucesso devorar um recém-nascido, o filho de Deus, assim como uma alegórica Maria que está para dar à luz.*

A isso se seguem ainda mais fantasmas: outra besta com sete cabeças, dez coroas e dez chifres que produz o caos usual; uma terceira besta composta apenas por dois chifres que faz o mesmo; o retorno do “cordeiro” (Jesus) que exerceu comando sobre o exército de 144 mil judeus; o derramamento de sete taças (ou frascos, dependendo da versão), que produzem calamidades análogas às dos selos e trombetas; e, finalmente, uma figura feminina horrenda, a Grande Prostituta da Babilônia, interpretada por estudiosos como sendo o Império Romano ou uma Jerusalém infiel.

Nos capítulos 19 e 20, um anjo lança o dragão/Satanás no lago de fogo por 1 mil anos, e os mártires são ressuscitados. Depois de 1 mil anos, Satanás

* Outra interpretação é que a mãe representa o povo judeu e a criança a comunidade cristã recém-nascida.

retorna e recruta um vasto exército, “o número dos quais é como a areia do mar”, incluindo Gogue de Magogue para uma derradeira batalha, na qual Satanás, no fim, é lançado de volta ao lago de fogo para sempre. O Juízo Final separa os justos dos ímpios, e os últimos são selados com Satanás e enviados para o lago de fogo, como boa comparação, “morte e inferno”. Os dois últimos capítulos descrevem a glória da Nova Jerusalém de tamanho imenso, “...2.414Km. O comprimento, a largura e a altura são iguais”, e a promessa de Cristo de que ele retornará em breve.¹⁸

A narrativa básica do Apocalipse parece ser que Jesus retorna à terra e luta contra o mal e, por fim, o lança em uma eternidade de fogo, extrai os justos para o céu, condena o restante e destrói o mundo. Os detalhes precisos, entretanto, são uma questão de interpretação. Além disso, é quase certo que compartilhe uma origem comum com as narrativas semelhantes do fim dos tempos do Antigo Testamento, particularmente o livro de Daniel, com o qual se assemelha muito. Na verdade, a estrutura e o conteúdo de Daniel e do Apocalipse dificilmente são exclusivos do Cristianismo e do Judaísmo; o filósofo e historiador teológico Mircea Eliade identificou muitos temas comuns nas religiões ao redor do mundo e em muitas épocas; uma das mais persistentes é a de que o mundo acabará em um fogo que poupa os justos, que ele especulou ser de origem persa/zoroastriana.¹⁹

Ambíguo ao extremo, o Apocalipse permite uma infinidade de interpretações, a mais crítica sendo exatamente como “1 mil anos” devem ser entendidos, quando na história humana esse milênio se encontra, e assim precisamente quando ocorre o próprio fim dos tempos. No jargão teológico, o estudo de tais questões é conhecido como “escatologia”: a disposição final da humanidade no fim dos tempos.

A opacidade e a ambiguidade do Apocalipse apenas amplificam sua influência, pois abrem caminho para uma ampla gama de interpretações alegóricas sobre quando e como o mundo acaba. Nas palavras do historiador religioso Robert Wright:

Ambiguidade, retenção seletiva e paráfrases enganosas se combinam para dar aos fiéis grande influência sobre o significado de sua religião. Com relação ao poder semântico bruto, no entanto, nenhuma dessas ferramentas rivaliza com o hábil desenvolvimento de metáforas e alegorias. Com um único golpe, podem obliterar o significado literal de um texto e substituí-lo por algo radicalmente diferente.²⁰

De acordo com uma pesquisa internacional feita em 2010, 35% dos norte-americanos, hoje, acreditam que a Bíblia representa a palavra literal de Deus, e uma porcentagem semelhante pensa que Jesus retornará à Terra durante sua existência.²¹ Parece razoável supor que, quanto mais se caminha em direção ao passado, mais universais essas crenças devem ter sido.

Desde os primeiros dias do Cristianismo, os teólogos postularam três cronologias diferentes do retorno de Cristo. A primeira é que a Igreja já havia estabelecido o milênio e que Cristo voltaria no fim dele. Em termos teológicos, essa sequência de tempo é chamada de “pós-milenarismo”, pois atualmente ocupamos a era do milênio, e o Juízo Final e a volta de Jesus estão no futuro. O segundo, pré-milenarismo, implica que Jesus retorna *antes* do milênio, seguido pelo Juízo Final; em outras palavras, não apenas o retorno de Jesus e o Juízo Final, mas também o próprio milênio está no futuro. A última possibilidade é que o milênio seja apenas um conceito alegórico, e não exista na realidade, o chamado “amilenarismo”²². Dessas três interpretações, o pré-milenarismo fornece a narrativa mais convincente e, quase desde o momento da conclusão do Apocalipse, sua ambiguidade e a fome da humanidade por um final de história tradicional ressonante geraram um fluxo constante de histórias do fim dos tempos pré-milenaristas.

O teólogo cristão mais proeminente do final do Império Romano, Santo Agostinho de Hipona, resistiu a essa tentação e desistiu de qualquer tentativa de calcular a ocorrência do fim dos tempos: “Em vão, portanto, tentamos calcular e estabelecer limites para os anos que restam para este mundo, quando ouvimos da Boca da Verdade que não nos cabe saber disso.” E, mais coloquialmente, “relaxe os dedos e dê um descanso a eles”.²³ A reticência de Agostinho permaneceria a postura escatológica dominante da Igreja até que os herdeiros teológicos de Joaquim, impacientes pelo fim dos tempos, entrassem em cena.

Os humanos entendem o mundo, em grande parte, por meio de narrativas e, embora as profecias do fim dos tempos sejam, talvez, as mais convincentes já contadas, elas têm um histórico de realização muito longe do estelar. Pesquisas sobre previsões mostram como os humanos são péssimos em prever o futuro, e que meramente observar a “taxa básica” histórica de eventos passados quase sempre prevê o futuro muito melhor do que o raciocínio baseado em narrativas. Obviamente, a frequência da taxa básica para o fim dos tempos tem sido zero até agora.

Considerando que as previsões do fim dos tempos têm precisão nula, por que somos tão influenciados por essas narrativas convincentes? E, de maneira

mais geral, por que o raciocínio baseado em narrativas é tão falho? Psicólogos demonstraram que as pessoas são “avarentas cognitivas”, ou seja, evitam análises rigorosas em favor da heurística — simples atalhos mentais — e que uma narrativa convincente é a heurística mais poderosa de todas.*

Ao longo do século XX, os neurocientistas descobriram que existem dois tipos diferentes de processos de pensamento humano: respostas emocionais de movimento rápido localizadas em nosso sistema límbico situado nas profundezas e evolutivamente antigo, o nosso assim chamado “cérebro reptiliano”, e um raciocínio consciente mais lento que surge do córtex evolutivamente mais novo que se sobrepõe ao sistema límbico. No ano 2000, os psicólogos Keith Stanovich e Richard West rotularam a esses dois aparelhos, Sistema 1 e Sistema 2, respectivamente, uma taxonomia prosaica à qual estamos presos desde então.²⁴

De uma perspectiva evolucionária, a primazia do Sistema 1 sobre o Sistema 2 faz sentido; por centenas de milhões de anos, muito antes de os humanos desenvolverem seu impressionante Sistema 2, o veloz Sistema 1 conduziu as respostas comportamentais do reino animal ao sibilo da cobra ou aos passos vagamente percebidos do predador, então não é surpreendente que o mais lento, o Sistema 2 humano, provavelmente com menos de 100 mil anos, opera sob o domínio de um aparelho muito mais antigo. Colocando de forma mais simples, nosso maquinário emocional mais rápido conduz, e nossa “razão” mais lenta o segue. Em um estado de natureza, os benefícios da dominância do Sistema 1, que reage às informações sensoriais de perigo antes mesmo de atingir a consciência, são óbvios, mas em um mundo pós-industrial relativamente seguro onde os perigos têm um horizonte de tempo mais longo, a dominância do Sistema 1 frequentemente incorre em grandes custos.

O Sistema 1 de nosso cérebro é poderosamente envolvido pelas narrativas, movendo-se rápida e emocionalmente, e acabando assim com o pensamento analítico. Na maioria das vezes, empregamos narrativas para fins úteis: o desenvolvimento de histórias assustadoras sobre uma dieta pouco saudável e o fumo para encorajar mudanças no comportamento na hora das refeições e no consumo de tabaco; sermões e fábulas sobre honestidade e trabalho árduo que melhoram a função social, e assim por diante. Por outro lado, ao sobrecarregar nosso Sistema 2 e desencorajar o pensamento lógico, as narrativas podem nos colocar em apuros analíticos.

* Estritamente falando, uma heurística é uma história que contamos a nós mesmos como um atalho mental que ignora análises mais rigorosas, ao passo que uma história que nos é contada por outras pessoas frequentemente visa alterar nossa própria heurística.

Assim, quanto mais dependemos de narrativas e menos de dados concretos, mais nos distraímos do mundo real. Você já se perdeu tão profundamente em um romance que ficou alheio ao mundo ao seu redor? Você já ouviu uma transmissão de rádio tão hipnotizante que ficou sentado na entrada da garagem por dez minutos para não perder o final? No mundo da psicologia, isso é chamado de “transporte narrativo”. O psicólogo Richard Gerrig define uma narrativa como um dispositivo que temporariamente transporta mentalmente o ouvinte ou leitor para longe de seu ambiente imediato; quando termina, eles retornam ao ambiente “um tanto mudado pela jornada”.²⁵

Em outras palavras, uma obra de ficção ou não ficção, filme, performance teatral ou pintura afasta temporariamente o leitor, espectador ou ouvinte do mundo real e o devolve como uma pessoa ligeiramente diferente. Conforme colocado por Emily Dickinson:

*Não há Fragata como um Livro
Para nos levar a Terras distantes
Nem há Corcéis como uma Página
De Poesia galopante —
Esta Travessia pode fazer o mais pobre
Sem opressor Pedágio — Quão contida é a Carruagem
Que conduz a Alma Humana.*²⁶

Ao longo das últimas décadas, pesquisadores demonstraram como a compreensão de fatos simples pelas pessoas é facilmente corroída por dados ficcionais, mesmo quando claramente rotulados como tal. Em um experimento clássico realizado por Paul Rozin e seus colegas na Universidade da Pensilvânia, os participantes foram informados de que duas garrafas de vidro idênticas recém-compradas continham sacarose e que ambas as garrafas estavam sendo usadas pela primeira vez. Então eles foram informados que rótulos novos foram colados, um declarando “sacarose”, o outro “cianeto”. Os pesquisadores disseram-lhes com firmeza: “Lembre-se, em ambas as garrafas têm açúcar.”

O açúcar de ambas as garrafas foi, então, colocado em alguns copos contendo água; os sujeitos foram solicitados a avaliar quanto gostariam de beber em cada recipiente e, em seguida, a tomar um gole de ambos: 41 dos 50 sujeitos escolheram o copo contendo sacarose da garrafa rotulada como “sacarose”, um efeito que persistiu até quando os próprios sujeitos aplicaram os rótulos.²⁷

Esse estudo, e outros semelhantes, demonstra que os humanos não podem segregar os mundos da ficção e dos fatos — em outras palavras, que eles não

podem “alternar” claramente entre os mundos literário e real. Considere a estreia do filme *Tubarão* em 1975. A *Time* relatou naquele verão:

Nadadores ousados de outrora agora se amontoam em grupos a poucos metros da margem, banhistas atordoados pairam nervosamente na beira da água e se retiram da praia à simples menção de uma nadadeira dorsal. “Você quer entrar na boca do tubarão?” gritou uma criança para outra na praia de Santa Mônica, Califórnia. Mesmo o humilde caçador, o labrador dos mares, mas ainda assim um tubarão, é suspeito de intenções homicidas. “Mate-o, mate-o”, incitou um pescador de Long Island a seu companheiro que balançava um peixe de 60cm de comprimento, quase sem dentes em sua vara, “antes que cresça e mate todos nós”.²⁸

O efeito foi intencional; os produtores atrasaram o lançamento do filme para coincidir com a temporada de verão. Como um deles falou: “Não há como um banhista que viu ou ouviu falar do filme não pensar em um grande tubarão branco quando colocar o pé no mar.”²⁹

Na década de 1970, os psicólogos Clayton Lewis e John Anderson analisaram o efeito de afirmações falsas identificáveis na verificação de fatos bem estabelecidos. No exemplo mais simples, os participantes receberam declarações historicamente precisas sobre George Washington ser o primeiro presidente, cruzar o Delaware e usar uma peruca. Quando são dadas declarações rotuladas como falsas — que Washington escreveu *As Aventuras de Tom Sawyer* ou ainda está vivo até hoje, por exemplo — os sujeitos demoraram mais para confirmar as afirmações verdadeiras e cometeram progressivamente mais erros ao fazê-lo com cada afirmação falsa adicional.³⁰

Gerrig descreveu outros experimentos, muitas vezes bastante detalhados e obscuros, demonstrando que, quanto mais uma ficção adere ao fato histórico, mais difícil é para o leitor separar posteriormente a narrativa de ficção do fato. Ele citou como exemplo os mistérios de Sherlock Holmes, cujas configurações históricas e geográficas são geralmente precisas. Embora o leitor de Arthur Conan Doyle possa inicialmente ser capaz de separar claramente a Londres fictícia do século XIX da Londres histórica real, Gerrig achou o retrato de Doyle da Londres do século XIX tão realista que mesmo seus componentes ficcionais se intrometeram em sua imagem mental da cidade no mundo real.³¹

Em outras palavras, literatura, filmes e arte podem confundir fato e ficção. Como Gerrig expôs: “A imersão em narrativas traz o isolamento dos fatos do mundo real.”³²

Outros pesquisadores vão além e sugerem que narrativas ficcionais convincentes corroem o próprio processo analítico. Dois psicólogos da Universidade Estadual de Ohio, Melanie Green e Timothy Brock, ampliaram a análise de Gerrig. Eles começaram observando que as narrativas obviamente ganham mais atenção do público do que argumentos retóricos:

Romances, filmes, novelas, letras de música, histórias em jornais, revistas, TV e rádio comandam muito mais a atenção em vigília do que anúncios, sermões, editoriais, outdoors e assim por diante. O poder das narrativas para mudar crenças nunca foi questionado e sempre foi temido.³³

Green e Brock quantificaram o “transporte narrativo” de acordo com várias medidas: a capacidade do leitor de visualizar a cena da narrativa e inserir-se nela, o grau de envolvimento mental e emocional, a percepção da narrativa como relevante, o desejo de saber o final e a sensação de que “os eventos da narrativa mudaram minha vida”. Por outro lado, a consciência das coisas que acontecem na sala, a atenção errante e a facilidade com que a narrativa foi posteriormente esquecida baixou a “pontuação do transporte narrativo”.

Eles fizeram os sujeitos lerem uma história verídica comovente sobre o esfaqueamento fatal de uma menina chamada Katie por um paciente psiquiátrico, “Assassinato no Shopping”, apresentado em um de dois formatos. O primeiro era uma versão de “não ficção” em um estilo de letras pequenas de duas colunas configurada para parecer uma reportagem de jornal; a segunda, uma versão “ficcional”, à semelhança de uma revista literária e encabeçada por uma advertência em negrito: “Os eventos em Assassinato no Shopping englobam um conto, o *Fiction Feature*, conforme publicado na Akron Best Fiction, uma revista de ficção de Ohio, em dezembro de 1993. A semelhança com pessoas e lugares reais é, obviamente, uma coincidência.”

Green e Brock, então, dividiram os participantes em dois grupos de acordo com as pontuações de transporte narrativos discutidos anteriormente, baixa e alta, e perguntaram a eles sobre as crenças relativas à história. Em cada caso, os indivíduos altamente transportados eram mais propensos do que aqueles menos transportados a simpatizar com Katie, a garotinha da história, e acreditar que o mundo era injusto, que ataques em shoppings eram comuns e que a liberdade dos pacientes psiquiátricos deve ser restrita. Surpreendentemente, rotular claramente a história como ficcional não diminuiu o grau em que afetou suas crenças: os efeitos do transporte narrativo foram os mesmos para os formatos de não ficção e ficção.

Em seguida, eles pediram aos sujeitos que se envolvessem em uma análise elementar do texto, tal como os testes de identificação “Pinóquio” e “prática da quarta série”, nos quais eles foram solicitados a circular palavras e frases que, respectivamente, pareciam falsas ou que um aluno da quarta série poderia não entender. Os resultados foram igualmente dramáticos: em ambos os casos, o grupo de alto transporte identificou menos da metade dos itens encontrados pelo grupo de baixo transporte. Esses dados foram consistentes com a hipótese de que, nas palavras dos autores, “os indivíduos transportados têm menos probabilidade de duvidar, questionar ou se envolver no processamento da descrença. O transporte aumentou a percepção de autenticidade”.³⁴ Em outras palavras, um alto grau de transporte narrativo prejudica as capacidades críticas de uma pessoa.

Green e Brock, ao notar que rotular as narrativas como verdadeiras ou fictícias não teve efeito sobre o quão bem elas transportaram seus leitores, comentaram:

Quando o leitor está passando por uma narrativa convincente, a influência da fonte diminui. Desse modo, as posições de crença implícitas na história podem ser adotadas independentemente de corresponderem à realidade. Assim, as narrativas podem precisar ser usadas com vantagem por fontes de baixa credibilidade ou por oradores que não possuam argumentos convincentes.³⁵

Dessa maneira, quanto mais fundo o leitor ou ouvinte se envolve na história, mais ele suspende a descrença e, portanto, menos atenção presta ao fato de ser, de fato, verdadeira ou falsa. Embora a causalidade reversa seja possível — que pessoas menos analíticas podem ser mais propensas a serem transportadas —, faz mais sentido que o transporte prejudica a capacidade analítica, e que, quanto mais convincente a narrativa, mais transportados seus consumidores se tornam.

Dito de outra forma, uma boa história geralmente supera o mais inegável dos fatos. O debate das primárias do Partido Republicano, realizado em 16 de setembro de 2015, forneceu um exemplo convincente disso. Quando perguntado sobre a segurança das vacinas, Ben Carson, um renomado neurocirurgião, resumiu brevemente os dados esmagadores que demonstraram a ausência de correlação entre vacinação e autismo. Donald Trump respondeu que “o autismo se tornou uma epidemia” e, em seguida, relatou a história da “linda criança” de um funcionário que desenvolveu autismo após ser vacinada. A maioria dos observadores marcou a mudança a favor de Trump; um jornalista